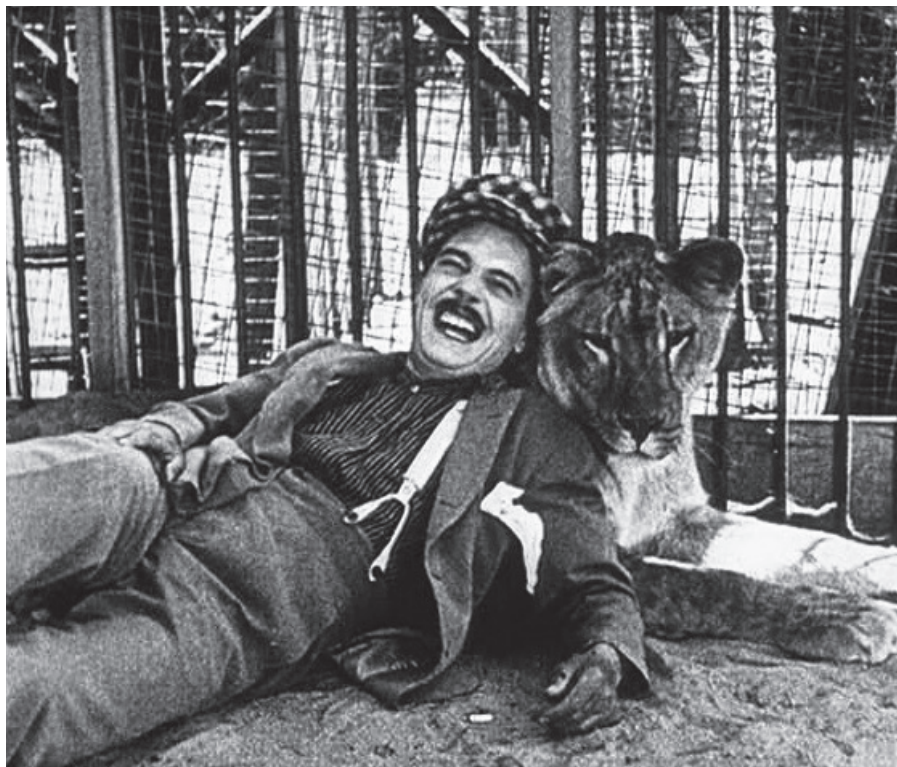


CICLO DE CINEMA,
CONVERSAS E CONFERÊNCIAS

4 FEV 17:00



DOMINGOS NA CASA DO CINEMA

MANOEL DE OLIVEIRA ESPECTADOR

SETE ANOS DE POUCA SORTE

SESSÃO 01

04 FEV, 17:00

SEVEN YEARS BAD LUCK SETE ANOS DE POUCA SORTE, 1921

Realização, produção e argumento: Max Linder

Direção de fotografia: Charles J. Van Enger

Música: Robert Israel (versão 2003)

Interpretação: Max Linder (Max), Alta Allen (Betty, noiva de Max), Betty K. Peterson (Mary, criada de Max), Ralph McCullough (John, criado de Max), Thelma Percy (Filha do maquinista), Chance Ward (ferroviário), Hugh Saxon (maquinista), C.W. Anderson (carcereiro), F.B. Crayne (amigo falso de Max), Lola Gonzalez (criada havaiana de Betty) e Harry Mann (cozinheiro no espelho).

Produção: Max Linder Productions

Cópia: 1.33:1, preto e branco, mudo, a exibir em formato DCP

Duração: 74 minutos

País: Estados Unidos da América

Estreia: 6 de fevereiro de 1921 (E.U.A.)

Um dos filmes mais célebres da longa carreira do ator, cómico e cineasta Max Linder, *Sete Anos de Pouca Sorte* (1921) será um dos exemplos mais longínquos da experiência espetatorial de Manoel de Oliveira. Max Linder, nome artístico do francês Gabriel Leuvielle, é uma das figuras pioneiras do burlesco cómico mudo, apesar de nunca ter alcançado a projeção de outros autores e cómicos da altura, seja Stan Laurel e Oliver Hardy, Harold Lloyd, Buster Keaton, ou Charles Chaplin, com quem Linder, de resto, privou. Os pequenos filmes cómicos de Max Linder do início das décadas de 1900 e 1910, sob alçada da Pathé, tiveram estreia em Portugal e marcaram a memória e a experiência do muito jovem Oliveira.

Sete Anos de Pouca Sorte (1921) insere-se já na fase americana da carreira de Max Linder, com o autor a assumir, como era costume, o papel do protagonista Max, o seu alter-ego homónimo. Perseguido vários pressupostos clássicos como a comédia de enganos ou a pantomima, é a superstição relacionada com o partir de um espelho que põe o filme em andamento. É com esse acidente, ocorrido após a ressaca da sua própria despedida de solteiro, que o muito supersticioso Max convence-se de que terá sete anos de azar por conta desse infortúnio. Os problemas (e a comédia) aumentam assim que Max procura evitar todo e qualquer azar, acabando por gerar precisamente o contrário, ao ponto de pôr em risco a sua relação com Betty, de quem está noivo.

A catadupa de acontecimentos, desde o clássico *gag* inicial do espelho (um dos primeiros exemplos do número do ‘espelho humano’ no cinema) até a uma perseguição policial, uma atribulada viagem de comboio ou a inclusão de vários animais selvagens com quem Max

interage (e que prefiguram o que Chaplin faria no seu *O Circo*, curiosamente sete anos depois do filme de Linder), tornou-se quase um paradigma do cómico burlesco, bem como um dispositivo narrativo da comédia das décadas seguintes.

O esplendor deste cómico pioneiro de Max Linder marcou Manoel de Oliveira de forma indelével, que lhe veio a reconhecer a paternidade da comédia no cinema: “Afinal, com a exceção de Louis Lumière com o realismo cinematográfico, Georges Méliès com a magia cinematográfica e a expressão do cómico cinematográfico que nos deu Max Linder - sendo certo que todas as sucessivas expressões cinematográficas se baseiam nessas três figuras - todos os realizadores que vieram depois, consciente ou inconscientemente, sempre tiraram ensinamentos uns dos outros desde o início desta sétima arte e fizeram escola até aos dias de hoje. Somos uns discípulos dos outros.” (Manoel de Oliveira, *Ditos e Escritos*).

Para além de toda a importância histórica do filme e do seu espaço na experiência espetatorial de Oliveira, *Sete Anos de Pouca Sorte* é também uma espécie de ponto de viragem na vida e obra de Max Linder. Nunca mais o autor conseguiu igualar o sucesso deste filme, e pouco depois convenceu-se de que “já não tinha piada”, tendo procurado outro tipo de projetos cinematográficos onde a comédia, sem nunca desaparecer totalmente, já não ocupa o centro das atenções. O seu percurso artístico e pessoal foi cada vez mais descendente, culminando no seu malogrado e enigmático fim, que em nada reflete o cinema que criou durante mais de vinte anos.

Mantém-se viva, no entanto, a energia da sua comédia, a inventividade do seu

burlesco e a orientação decisiva que Max Linder representou para todo o cinema e cineastas que se lhe seguiram, entre os quais, assumidamente, Manoel de Oliveira, que nunca se coibiu de o considerar como a figura cinematográfica fundamental que é.

Pedro Crispim

PRÓXIMAS SESSÕES

11 FEV | DOM | 17H00

L'INHUMAINE
A DESUMANA


Marcel L'Herbier | FRA | 1924 | 135'

18 FEV | DOM | 17H00


LA PASSION DE JEANNE D'ARC
A PAIXÃO DE JOANA D'ARC

Carl Theodor Dreyer | FRA | 1928 | 82'

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

